

Retrato Sonoro: a experiência do ouvinte na preservação da memória de uma emissora de rádio¹

Graziela Mello Vianna²

Sônia Caldas PESSOA³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

No presente artigo propomos uma reflexão sobre a presença e o papel desempenhado pelo rádio no cotidiano dos seus ouvintes e a importância do registro da programação das emissoras de rádio brasileiras como lugar de memória e ainda como patrimônio cultural do país. Para tanto, faremos um estudo de caso do projeto Retrato Sonoro, uma parceria da Rádio Inconfidência (MG) com o departamento de Comunicação da UFMG. Tal projeto tem como objetivos principais digitalizar o registro em fitas cassete da programação da emissora feito por uma ouvinte durante quase três décadas; disponibilizar esse acervo digitalizado para a emissora, para pesquisadores e ouvintes em geral; dar visibilidade a essa memória da rádio por meio de programetes inseridos na programação da Rádio Inconfidência. Tal projeto nos permite ainda refletir sobre as políticas públicas de conservação e patrimonialização de arquivos radiofônicos.

Palavras-chave: rádio; escuta; memória; Rádio Inconfidência; Retrato Sonoro

Introdução

Qual o papel do rádio na vida cotidiana do ouvinte? Quais são os acervos disponíveis para o pesquisador que tem como objeto a programação radiofônica? Tal programação é considerada como patrimônio a ser preservado? Como suscitar o interesse de jovens estudantes de cursos de Comunicação pelo meio rádio? Tais questões surgidas ao longo do projeto Retrato Sonoro desenvolvido desde 2015, são norteadoras da reflexão que desenvolvemos no presente trabalho.

O projeto Retrato Sonoro teve início no período em que a Rádio Inconfidência comemorava 80 anos ininterruptos de transmissão, mas o material sonoro do projeto tem

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Prof^aDr^a adjunta do departamento de Comunicação Social da UFMG e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM/UFMG), email: grazielavmv@gmail.com.

³ Prof^aDr^a adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM/UFMG), email: soniacaldaspessoa@gmail.com.

origem anterior, no acervo constituído informalmente por uma ouvinte da emissora entre 1991 e 2015. Dentre as milhares de fitas cassete, eventualmente se encontra algum acontecimento histórico, mas podemos afirmar que a sua relevância consiste principalmente no registro do cotidiano e como indicador da relação do rádio com os seus ouvintes, seja pelos *fait divers* noticiado pelos radialistas, seja pela participação frequente do ouvinte por meio de telefonemas, cartas ou emails nos programas. Dentre estes ouvintes, encontramos registradas nas fitas inúmeras participações da própria Valéria da Cunha Melo, a ouvinte que fez o registro. Assim, antes de refletir sobre a experiência do Retrato Sonoro, traçaremos um panorama histórico da Rádio Inconfidência, a fim de entender o seu papel no cenário da radiofonia brasileira e a sua relação com os seus ouvintes. Em seguida, a partir de entrevistas com profissionais da emissora que tiveram contato com a ouvinte Valéria, buscaremos entender a relação da sua história de vida com a emissora. Finalmente, apresentaremos o relato da experiência e a metodologia do projeto Retrato Sonoro, a fim de desenvolvermos uma reflexão sobre o mesmo.

1 Rádio Inconfidência: papel simbólico entre os ouvintes

A Rádio Inconfidência foi inaugurada em 1936 em Belo Horizonte e tinha como um dos objetivos iniciais unificar o estado de Minas Gerais, prestar serviço para o homem do campo e facilitar a aproximação com a nova capital. A história da emissora se confunde com a história do rádio no Brasil que, a partir da década de 1930, passa a ser valorizado pelo governo Vargas como meio de unificação do país:

Pelos salões do Palácio da Liberdade, em meados dos anos 30, as articulações passaram a girar em torno da criação de um canal que pudesse unir todo o estado, ainda carente de estradas asfaltadas, de linhas aéreas e de telefonia e, por isso, em 12 de agosto de 1936, o governo mineiro e o Ministério de Viação assinaram contrato para que, na Cidade das Alterosas, se estabelecesse uma emissora com finalidade jornalística e educativo-cultural (CAMPELO, 2011, p.16).

A emissora iniciou as suas transmissões na frequência AM e OC (6010) e desde a década de 1970 também está presente na frequência FM, cuja programação musical é dedicada exclusivamente à música brasileira. Na programação AM da Rádio Inconfidência, a linguagem predominante é a de conversa, diferentemente do FM, em que o enfoque maior está centrado na programação musical. Essa característica leva a uma participação

estratégica do público, que se torna ouvinte e co-produtor. Apesar do ouvinte nem sempre participar em quadros ao vivo na programação e, muitas vezes, haver a mediação e até mesmo um certo controle e interferência do locutor, consideramos que ele vem sendo cada vez mais empoderado, o que tem caracterizado uma tendência crescente em emissoras brasileiras.

Na Inconfidência AM, os ouvintes mantêm uma relação diferente com os apresentadores em comparação com a emissora FM (100,9). De acordo com os produtores da rádio, percebe-se que os ouvintes do AM ainda estão aprendendo a usar aplicativos como o Whatsapp, enquanto no FM a participação é mais predominante por meio da internet e das redes sociais. O coordenador de produção, Pedro Henrique Vieira, em entrevista realizada para esta pesquisa (2017), destacou alguns exemplos. Na Inconfidência AM, ele recebe cartas de ouvintes do interior de Minas Gerais: “As cartas demoravam para chegar, e depois que chegavam, não me lembrava mais do que se tratava. Diferentemente de quando recebemos uma mensagem por celular ou email, que é instantâneo”. Com maior abrangência, a frequência AM chega a locais onde o FM não chega, em cidades mais afastadas do estado, onde até mesmo a implantação e a qualidade da internet ainda são uma dificuldade. Cada vez mais presente na vida das pessoas, mesmo aquelas que se encontram afastadas dos grandes centros urbanos, a internet e seus dispositivos influenciaram na decisão da Rádio Inconfidência de transferir imediatamente a emissora AM para a FM, conforme prevê a legislação brasileira (ABERT, 2015). A migração vai representar um investimento de pelo menos R\$ 600 mil para a Inconfidência. A emissora é uma das pelo menos 34 mineiras a fazer a migração do AM para o FM, de acordo com dados da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT, 2017). Minas Gerais seria o estado brasileiro com o maior número de emissoras a fazer a migração, ainda segundo a entidade. Em Minas Gerais, de acordo com Elias Santos (2017), diretor artístico de Rede Inconfidência de Rádio, o governo anunciou o prazo de outubro deste ano para o desligamento do sinal analógico. Seria essa, então, a data da “morte” do AM. Mas, Elias Santos (2017) afirma que “o AM permanecerá na linguagem. Mesmo na frequência FM, a linguagem característica do AM, que busca uma maior valorização da fala, do jornalismo, da interação com os ouvintes é que darão a tônica da programação”. De acordo com o diretor artístico, discute-se atualmente na emissora qual

seria o slogan da nova frequência: se será utilizado o slogan da emissora FM - “Inconfidência, a brasileiríssima” - ou “Inconfidência, Gigante no ar”, slogan da emissora AM.

Em 2016, ocorreu a criação da Empresa Mineira de Comunicação (EMC)⁴, desde então responsável pela gestão da Rádio Inconfidência e da Rede Minas de Televisão. Em junho de 2017, aconteceu a mudança de endereço das sedes das empresas, que passam a funcionar no mesmo espaço físico, no Barro Preto, na região Centro-Sul da capital. A ideia é criar uma integração entre os dois veículos. a partir da qual os funcionários das emissoras de rádio e TV possam executar funções para todo o grupo. O investimento no novo prédio, de acordo com o presidente da Empresa Mineira de Comunicação, Flávio Henrique Alves (2017) em entrevista para esta pesquisa, vai chegar a cerca de R\$ 90 milhões. Para equipar os estúdios de rádio, foram investidos cerca de R\$ 4,5 milhões na nova sede, enquanto para a TV o total de investimento foi na ordem de R\$ 25 milhões (FIGURA 1).



FIGURA 1: Estúdios da Rádio Inconfidência na nova sede no bairro Barro Preto, em Belo Horizonte. Imagem: Pesquisadores Retrato Sonoro

Além dos equipamentos necessários para o funcionamento da emissora, os estúdios contam ainda com instrumentos musicais que vão possibilitar a apresentação ao vivo de músicos, em uma iniciativa que visa resgatar a participação ao vivo e a gravação de

⁴ Empresa Mineira de Comunicação (EMC) foi criada no dia 20 de setembro de 2016 por meio da Lei nº 22.294 que alterou o nome da Rádio Inconfidência Ltda. Para a EMC e extinguiu-se a Fundação TV Minas Cultural e Educativa.

artistas, especialmente para a programação da emissora. A nova sede retoma as práticas de produção da emissora no período da sua inauguração, quando a música veiculada era produzida pelos músicos ao vivo nos estúdios da rádio. Porém, um ponto irá permanecer o mesmo, sem perspectivas de mudança: o arquivamento dos registros sonoros da programação. De acordo com Elias Santos (2017), “a instituição não guarda a memória”. Apesar de oito décadas de história, restam poucos registros da memória sonora da Rede Inconfidência de Rádio e não existe um acervo permanente e disponível para pesquisadores ou para o público em geral.

A Rádio Inconfidência limita-se a cumprir o que está previsto no Código Brasileiro de Telecomunicações de 1962 (2017), no que diz respeito ao arquivamento da programação transmitida pela emissora. Ou seja, manter por 60 dias, “em seus arquivos os textos dos programas, inclusive noticiosos devidamente autenticados pelos responsáveis”, conforme prevê o parágrafo da referida lei, de acordo de Elias Santos (2017). Após esse período, as gravações são eliminadas. Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), tais gravações (conhecidas até hoje como “censura”) eram utilizadas para o exercício da censura do governo militar e da limitação da liberdade de expressão. Assim, depois deste prazo legal, resta apenas a memória de quem acompanhou a programação no ar ou contribuiu para a sua produção. “Hoje, gravamos apenas alguns programas especiais, que temos maior interesse em guardar. Fazemos isso com um CD. Talvez fosse interessante abrir um concurso para ter uma pessoa especializada nisso” (SANTOS, 2017). Apesar do diretor artístico compreender a importância do registro cotidiano e da sistematização dos arquivos de áudio da programação, não existe ainda nenhum projeto concreto nesse sentido. Podemos considerar o registro pessoal de uma ouvinte como principal lugar de memória das emissoras AM e FM, como veremos a seguir.

2 A experiência do ouvinte na preservação da memória da rádio

Podemos afirmar, sem receio de equívocos, que o atual arquivo sonoro sobre a Rádio Inconfidência se concentra no trabalho realizado por uma única ouvinte e fã, que se tornou parte da “família Inconfidência”, Valéria da Cunha Melo, também conhecida por Valéria do Santo Antônio (em referência ao bairro em que ela residia em Belo Horizonte, na região sul da capital). É sobre essa relação de afeto de uma ouvinte com a emissora, a

interação e aproximação do ouvinte com esse meio de comunicação que discorreremos aqui. Concebemos essa iniciativa da ouvinte a partir da concepção de Rancière acerca da partilha do sensível de pessoas comuns.

Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha (RANCIÈRE, 2009, p.15).

Se nosso ponto de partida para esta reflexão vem da noção teórica de Rancière, sentimos necessidade de nos aproximarmos da experiência de Valéria, por meio do relato e dos registros da memória dela própria e de quem a conheceu. O quarto cheio de fitas de Valéria, agora vazio de sua presença, revela mais do que o seu gosto pelo som. No aniversário de 70 anos da Rádio Inconfidência foi gravada uma entrevista (2010) com aquela que é considerada a ouvinte mais fiel da emissora (FIG.2). Na ocasião, Valéria afirmou que gravava toda a programação a ponto de ter em torno de 20 mil fitas. “A Rádio Inconfidência é uma companheira inseparável. É a rádio que tem informação, tem entretenimento, esportes e música. Então, preenche tudo o que a gente quer”. A ouvinte comentou ainda que se sentiu valorizada pela iniciativa da rádio de entrevistá-la: “Eu gostaria de parabenizar a Rádio Inconfidência pelos 70 anos. Me sinto muito feliz, muito honrada de participar, de ser a família Inconfidência”.



FIGURA 2: Valéria da Cunha Melo, ouvinte da Rádio Inconfidência

Fonte: Canal da Rádio Inconfidência no YouTube

“É um retrato da sua solidão”, conforme observa o assessor da diretoria artística da Rádio

Inconfidência Cleiber Pacífico (2017) sobre o acervo deixado por Valéria. Segundo a própria ouvinte, ela começou a gravar a programação nas fitas cassete desde que ela começou a acompanhar a rádio, em 1991. A maior parte delas é dos programas da emissora AM e dos programas da emissora FM em que os apresentadores abrem espaço para os ouvintes, dentre eles, a própria Valéria. Algumas fitas gravadas pela ouvinte Valéria eram enviadas como presente a Elias Santos e, após o seu falecimento em 2015, uma parte do seu acervo foi doado por seu sobrinho à emissora. 280 fitas já foram digitalizadas e em torno de 1200 que estão em posse da emissora, ainda aguardam a digitalização. Mais do que materiais para presentes, as fitas que Valéria gravou demonstram o seu fascínio pela emissora: ela era uma das ouvintes mais participativas. Ligava todos os dias para a emissora para participar dos programas por telefone, brigava quando havia mudanças e discordava dos locutores, falava com propriedade sobre qualquer assunto e corrigia a programação errada. “Tutti Maravilha (apresentador do programa Bazar Maravilha da Rádio Inconfidência FM) falava que ela era a fiscal da rádio”, conforme observa Elias Santos (2017).

A comunicação ultrapassou as ondas hertzianas, estabelecendo pontes de relacionamento para além da programação propriamente dita. A ouvinte Valéria também telefonava fora do ar, no telefone pessoal dos funcionários, sabia o aniversário de todos os apresentadores e chegou até a sugerir e a organizar uma festa de aniversário para comemorar um ano do programa “Acordados na Madrugada”. A proximidade foi tanta que ela foi convidada para o casamento de um dos funcionários da emissora. A mãe de Elias Santos chegou a ir à casa de Valéria, para conhecer aquela mulher com “voz de senhora” que dedicava boa parte do seu tempo para acompanhar a emissora.

Essa proximidade está relacionada a uma característica marcante da rádio e também da sociedade moderna. As relações são marcadas pela impessoalidade e pelo distanciamento entre os indivíduos. Neste contexto, a rádio surge para aproximar, invadindo as casas, encurtando as distâncias. “O rádio é companheiro e conecta o ouvinte a vozes familiares que sempre estarão “por perto”, como observou Kaseker (2012, p. 33).

Valéria era enfermeira e trabalhava como plantonista, por isso, os programas da Inconfidência eram uma companhia para a ouvinte nas madrugadas, mas também fora do

trabalho. O fascínio pela rádio também pode ser explicado pelo fato de Valéria ser uma pessoa com deficiência visual. Entendemos que o som proporciona a estas pessoas um modo de existência sensível, que os aproxima dos objetos e dos desafios do mundo cotidiano. Por meio dos programas de rádio, nos permitimos inferir que Valéria mantinha uma relação não só de proximidade com as notícias, as músicas, as opiniões e estilos dos locutores, mas com a própria cidade em que habitava e onde a emissora está sediada. Com Kischinhevsky (2016, p. 99), lembramos que “A audiência se apropria de espaços da programação em que se vê representada, buscando afirmar sua presença na arena midiática e, conseqüentemente, sua cidadania, ao conferir visibilidade às suas demandas e reivindicações”.

Mas, Valéria - assim como outras ouvintes carinhosas que participam ativamente dos programas AM, como a vovó Juraci, vovó Rosa, ou a ouvinte Luzia Serpa Ribeirão de Abreu - parece não se contentar apenas em ser representados. Por mais que o espaço de fala dado ao ouvinte seja instrumentalizado, se pensando principalmente na participação por telefone, a audiência se apropria desse espaço, interferindo na programação, sugerindo, discordando, como Valéria o fazia com frequência. Talvez esteja aqui um exemplo de um rádio que se apresenta como “um lugar de fala” (KISCHINHEVSKY, 2016), um espaço no qual se constituem narrativas diversas permeadas por um conjunto de interações entre os profissionais da emissora e os próprios ouvintes. Uma das marcas narrativas da ouvinte Valéria, que faleceu em 2015, era a sua inteligência. Segundo Elias Santos (2017), ela estava sempre a par dos acontecimentos e falava com propriedade sobre diversos assuntos, conforme podemos confirmar pelos registros que ela mesma fez dos programas e, conseqüentemente, das suas frequentes participações.

3 O projeto Retrato Sonoro: metodologia e relato de experiência

Conforme mencionamos, o projeto Retrato Sonoro teve início no ano anterior às comemorações dos 80 anos da Rádio Inconfidência, em 2015. Dois professores do departamento de Comunicação Social da UFMG Graziela Mello Vianna e Nísio Teixeira foram convidados pela direção da emissora a contribuir na elaboração das comemorações de tal data. Em uma reunião com a presidência da Inconfidência, o diretor artístico Elias Santos mencionou o acervo das fitas cassete da ouvinte Valéria da Cunha Melo, doado

alguns meses antes pelo sobrinho da ouvinte, após o seu falecimento. A direção estava ciente da importância de tal registro para a memória do rádio mineiro, no entanto não havia nem equipamentos nem funcionários disponíveis para digitalizar o acervo de tamanho considerável⁵. Assim, decidiu-se envolver os alunos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas em um projeto de preservação da memória do rádio e ao mesmo tempo, dar visibilidade ao material sonoro registrado e aos próprios estudantes: o projeto Retrato Sonoro integrando-o também ao projeto de comemoração dos 80 anos da emissora.

O projeto foi dividido em nove etapas. A primeira etapa foi a conscientização dos estudantes sobre a importância da memória do rádio como patrimônio cultural, patrimônio esse que nos desvela a vida cotidiana e o fazer comunicativo contemporâneos. Esta sensibilização foi desenvolvida inicialmente em sala de aula com as turmas que cursaram a disciplina Som e Sentido ministrada pela professora Graziela Mello Vianna. Em um segundo momento, a própria direção da emissora teve uma conversa com os alunos sobre a história da emissora e sobre o projeto. Já a segunda etapa, consistiu na distribuição das fitas para os alunos. Para tanto, foi elaborado pelo professor Nísio Teixeira um termo de compromisso assinado por cada estudante, por cada fita em sua responsabilidade e um modelo de mapeamento das fitas. Cada turma de 40 alunos foi dividida em 8 grupos de cinco pessoas. Uma vez que a ouvinte Valéria anotava na capa das fitas os nomes dos programas da rádio registrados, cada grupo recebeu 10 fitas do mesmo programa radiofônico. A terceira etapa consistiu na digitalização. No primeiro semestre de 2016, cada aluno ficou responsável pela digitalização de duas fitas. As duas turmas de Som e Sentido do semestre digitalizaram e mapearam, portanto, 160 horas de registros sonoros. Tal exercício teve como principal dificuldade a disponibilidade de equipamentos. O departamento de Comunicação possui apenas dois aparelhos toca-fitas. Foram marcados horários alternativos à aula, com a presença da monitora da disciplina, para a digitalização utilizando os aparelhos do departamento. Mas, considerando que as fitas devem ser reproduzidas em tempo real, apenas os dois aparelhos não seriam

⁵ De acordo com a ouvinte em uma de suas participações no programa Bazar Maravilha, seu acervo era constituído por 14 mil fitas cassete. Na entrevista disponível no youtube, citada anteriormente, ela afirma que seriam 20.000. Portanto, não é possível dizer com precisão qual seria o número de fitas que ela registrou efetivamente.

suficientes.

No entanto, os alunos se mobilizaram para encontrarem soluções alternativas: alguns alunos que possuíam toca-fitas em casa digitalizaram para outros colegas; alguns alunos encontraram empresas no centro da cidade de Belo Horizonte que fazem o trabalho de digitalização e pagaram pelo serviço. No segundo semestre de 2016 e no primeiro semestre de 2017, com as novas turmas de Som e Sentido, dada esta dificuldade, decidiu-se que cada estudante ficaria responsável por apenas uma fita, ao invés de duas. Assim, de acordo com o número de alunos em cada turma, foram digitalizadas 40 horas de fitas no segundo semestre de 2016 e 80 horas de fitas no primeiro semestre de 2017.

A quarta etapa consistiu no mapeamento das fitas. Seguindo o modelo elaborado, os estudantes, acompanhando a minutagem da fita, resumiram os assuntos abordados pelos apresentadores dos programas, apresentaram os títulos das músicas veiculadas e os anunciantes do *break* comercial.

A quinta etapa consistiu na entrega e disponibilização do material digitalizado. Cada turma foi orientada a criar arquivos no Google Drive com pastas nomeadas com os nomes dos programas de rádio encontrados nas fitas. Em tais pastas, foram colocados os arquivos em MP3 das fitas digitalizadas e os arquivos em word com os mapeamentos. O acesso a esse acervo digital foi disponibilizado à emissora. Os alunos entregaram ainda um envelope, cuja capa continha os nomes dos programas encontrados nas fitas, a data das fitas, o nome dos apresentadores do programa e o seu próprio nome. Dentro de cada envelope, foi colocado um CD com a fita digitalizada, o mapeamento impresso e a própria fita cassete. À semelhança das pastas virtuais, a professora, com ajuda da monitora, separou os envelopes por programas, colocando-os em sacolas etiquetadas com o nome dos mesmos. A sexta etapa consistiu na roteirização dos programas Retrato Sonoro. A professora se reuniu com cada grupo a fim de discutir os conteúdos encontrados nas fitas cassete a partir do mapeamento do material digitalizado. De acordo com decisão tomada em conjunto com a emissora, os programas deveriam ter entre 1 minuto e 1'30" de duração, incluindo as vinhetas de abertura e encerramento produzidas pela emissora. Assim, cada aluno deveria pensar em roteiros curtos que consistiam basicamente em uma locução de abertura, feita pelos próprios alunos, introduzindo o trecho selecionado da fita cassete, o próprio trecho selecionado e uma locução de encerramento, também feita pelos estudantes. Algumas dificuldades surgiram também nessa etapa. A capa de algumas fitas

indicava o registro de um programa, mas continha outros; a ouvinte Valéria interrompia por várias vezes o registro, ou simplesmente, não havia nenhum conteúdo relevante na fita. Dessa forma, optou-se por utilizar não apenas o conteúdo da fita do aluno em seu próprio programa, mas também os conteúdos das fitas dos colegas.

A sétima etapa consistiu na produção dos programetes. Com o objetivo de dar visibilidade aos alunos e de veicular novas vozes no rádio, como dissemos, cada aluno fez a locução do seu programa. No primeiro semestre, contávamos com apenas um técnico de estúdio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH/UFMG) no turno da manhã. A turma de alunos desse turno no primeiro semestre de 2016 gravou então no estúdio com acompanhamento deste profissional e, considerando o volume de programas a editar, fizeram a edição em casa. No turno da noite, sem a disponibilidade de um técnico, os alunos gravaram as locuções em casa. No entanto, devido a problemas técnicos relacionados à acústica dos ambientes onde as locuções foram gravadas, alguns programas não puderam ser veiculados. Portanto, decidiu-se que apesar das condições adversas (estado precário do estúdio, ausência completa de técnico para operar o estúdio, uma vez que no semestre seguinte o técnico se aposentou e, portanto, nem mesmo o turno da manhã teve acompanhamento profissional) que o programa seria gravado no estúdio da FAFICH.

Após a gravação da locução e edição dos programetes, foram realizadas escutas coletivas com a professora, a monitora da disciplina e os alunos com objetivo de todos perceberem o conjunto de programas e, ainda, apontar eventuais problemas relacionados principalmente à edição, uma vez que a maioria dos estudantes tinha pouca prática nesse sentido. Contudo, foi esclarecido aos alunos que apesar da aprovação em sala de aula, a aprovação final seria da equipe da emissora, assim como a decisão de veicular ou não o programa. Por fim, após os devidos ajustes, cada turma de 40 alunos, totalizando 200 alunos entre o primeiro semestre de 2016 e o primeiro semestre de 2017, acompanhados da professora e da monitora, fez uma visita técnica à Rádio Inconfidência para entregar os programas, os envelopes, conhecer a equipe e as instalações da rádio e participar dos programas.



FIGURA 3: Visita dos alunos do primeiro período de jornalismo (curso noturno) ao antigo estúdio FM da Rádio Inconfidência (maio 2017) Fonte: acervo nosso.



FIGURA 4: Visita dos alunos do primeiro período de Publicidade (curso diurno) à antiga sede da Rádio Inconfidência (maio 2017). Fonte: acervo nosso.

Para desenvolvermos este estudo de caso, além dos procedimentos da realização do projeto Retrato Sonoro, foi realizada uma visita técnica à nova sede da Rádio Inconfidência e entrevistas com o diretor artístico Elias Santos, o presidente da Empresa Mineira de Comunicação, Flávio Henrique Alves e o coordenador de produção da emissora, Pedro Henrique Vieira (FIGURA 5)⁶.

⁶ A informação foi obtida com os produtores e coordenadores da Inconfidência, durante visita à nova sede da rádio, realizada no dia 06 de junho de 2017, pela professora Sônia Pessoa da UFMG e os estudantes de Jornalismo, Karla Eloara Escarmigliat e Guilherme Alves.



FIGURA 5: Visita técnica e entrevistas na Rádio Inconfidência: Karla Eloara (estudante), Flávio Henrique Alves (presidente da Empresa Mineira de Comunicação), Elias Santos (diretor artístico da Rádio Inconfidência), Sônia Pessoa (professora da UFMG), Guilherme Alves (estudante) e Pedro Henrique Vieira (coordenador de produção da emissora).

Conclusões

A história da Rádio Inconfidência se alinha com a história do rádio no Brasil não apenas em certa proximidade das datas de inauguração, mas na tentativa de proximidade entre o rádio e os seus ouvintes. No entanto, poucos são os rastros dessa história e da interação com o ouvinte. Entendemos assim que o projeto Retrato Sonoro, apesar de ser uma iniciativa de pequeno escopo, contribui em dois sentidos para o registro da memória da emissora: a) a criação de um acervo disponível para a própria emissora e para futuros pesquisadores;; b) a visibilidade do material registrado e dos estudantes que se encarregaram da digitalização do material. Dessa forma, apesar de se tratar de um acervo relativamente pequeno, se considerarmos a longa história da Rádio Inconfidência, como pesquisadoras do rádio conhecemos bem a escassez dos registros dos programas de rádio no Brasil. Apesar de alguns esforços do Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro e em São Paulo, tais acervos dão conta de apenas uma pequena parte da história de algumas emissoras do país, como por exemplo, o período de apogeu da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Assim, acreditamos que ainda que se trate de uma ação pontual, o projeto é relevante no sentido do esforço de patrimonialização de programas radiofônicos, uma vez que no Brasil não existem políticas públicas nesse sentido. O material digitalizado tem sido utilizado, por exemplo, por um pesquisador de rádio e doutorando

da UFF desde o segundo semestre de 2016, o que confirma a potencialidade desse material como objeto de pesquisa.

O (des) caso brasileiro em relação ao patrimônio audiovisual contrasta com o caso de países como a França em que o Estado, por meio do Instituto Nacional do Audiovisual (INA), mantém a *Inathèque*, depósito legal de rádio, TV e, mais recentemente, de *sites* da internet registrados diariamente e disponibilizados para consulta. Concordando Kaseker, entendemos que “os sons, como as imagens, devem ser considerados como documento, obras de arte e discurso” (KASEKER, 2012, p. 41). Portanto, acreditamos que assim como acontece na França, onde a programação de rádio e de TV são valorizadas na como lugar de memória, no Brasil existe uma lacuna no que diz respeito a políticas públicas que considerem tais programas midiáticos como patrimônio cultural do país a ser disponibilizado ao público em geral. Em segundo lugar, ao utilizar pequenos trechos dos programas de rádio registrados pela ouvinte, colocamos novamente em circulação fragmentos desse lugar de memória criado pela ouvinte, valorizando tanto o registro da Valéria, como o esforço de cada estudante. Cada programa Retrato Sonoro veiculado traz um trecho de uma fita digitalizada e dá voz e crédito ao aluno que fez a digitalização. Assim, por um lado, o projeto permite valorizar o esforço do registro da ouvinte como lugar de memória. Por outro lado, entendemos que, além da visita aos estúdios da emissora, envolver os estudantes em todas as etapas da roteirização e de produção do programa, e, finalmente, dar voz a esses estudantes, em tempos em que geralmente o consumo pelo jovem de músicas deixou de ser intermediado pelo rádio, pode (res) suscitar o interesse do estudante jovem pelo meio.

REFERÊNCIAS

ABERT. **Portaria de 24 de novembro de 2015.** Disponível em <http://www.abert.org.br/web/index.php/legistecnica/category/migracao-am>. Acesso em 10 jun. 2017

ABERT. **Migração para FM.** Disponível em <http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/25533-minas-gerais-e-o-estado-com-mais-emissoras-a-migrar-do-am-para-fm>. Acesso em 10 jun. 2017

CAMPELO, Wanir. Inconfidência: o radiojornalismo mineiro começou aqui. In: Klöckner Luciano; Prata, Nair. **Mídia sonora em quatro dimensões.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

KASEKER, M. P. **Modos de ouvir: a escuta do rádio ao longo de três gerações.** Curitiba: Champagnat: Champagnat Editora PUCPR, 2012.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias Sociais** - Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Código Brasileiro de Telecomunicações**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4117.htm> Acesso em 01 jul. 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

INCONFIDÊNCIA. **70 anos**. Entrevista publicada em 20 de junho de 2010. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qR1jKaHY43M>> Acesso em 05 jul. 2017.

Entrevistas

ALVES, Flávio Henrique. Entrevista concedida aos pesquisadores do projeto Retrato Sonoro. Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Elias. Entrevista concedida aos pesquisadores do projeto Retrato Sonoro. Belo Horizonte, 2017.

VIEIRA, Pedro Henrique. Entrevista concedida aos pesquisadores do projeto Retrato Sonoro. Belo Horizonte, 2017.